



poço não dê conta.

A casa de Elisarda e Manoel recebeu, no último ano, uma Cisterna-Calçadão, que ampliou significativamente as possibilidades de produção e de consumo de alimentos no quintal.

Se antes não se produzia praticamente nada por causa da escassez de água fora do período chuvoso, agora dá para encontrar alface e couve todo dia na horta, mesmo sem ter chovido há 8 meses.

Elisarda passou a cultivar uma das suas paixões: as rosas e arrudas que estão espalhadas ao redor da casa e na cerca que separa a horta do quintal.

Com o tempo, a diversidade na horta foi aumentando. Manoel começou a plantar cebola e pimentão para entrar na salada diária no almoço da família. A família cria galinhas, de modo que foi necessário cercar a horta com tela para que elas não invadam a plantação.

Por enquanto toda a produção do quintal serve apenas ao consumo da casa. Mas a intenção de Elisarda e Manoel é de começar a comercializar em breve. 'Antes a gente nem sonhava, porque não tinha condição nenhuma de plantar pra vender, se não tinha água pra manter', lembra ele. Com a Cisterna-Calçadão agora será possível manter os canteiros produtivos durante alguns meses, fornecendo hortaliças para a vizinhança.

A diversidade no quintal está crescendo. Recentemente a família plantou cana-de-açúcar num canto do quintal, e espalhou mandioca e batata em outro parte. A mandioca servirá para produzir farinha para a casa, já que a família tem acesso a uma casa de farinha local.

Pouco a pouco, Elisarda e Manoel vão se adaptando à nova tecnologia e aos períodos de estiagem no Semiárido. Com conhecimento de vida e ferramentas adequadas, eles vão trabalhando diariamente em busca de melhores condições na sua terra, sempre com um sorriso no rosto. 'A gente não troca nosso canto por nada. Essa paz e sossego não têm em lugar nenhum do mundo!'

## A simplicidade da água transforma vidas no sertão baiano



Na casa de Elisarda Marques de Célis e seu esposo Manoel de Sousa Célis, que vivem no povoado Palmeira, em Brotas de Macaúbas, no Semiárido baiano, as tecnologias sociais implementadas pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) vem possibilitando a eles a permanência no lugar onde nasceram e de onde não gostariam de sair por causa da falta d'água. 'Nós vivemos aqui desde sempre, amamos nossa casa e agora podemos ficar', conta Elisarda.

A água tem sido a questão mais desafiante ao longo desses anos todos. Quando não havia cisternas de placa, a rotina se tornava bastante difícil. 'Antes nós pegávamos água naquelas cacimbinhas, cavadas bem fundas na mão mesmo', lembra ela. 'A gente ia abrindo, fazendo as escadinhas, pra mó de minar a água', explica Manoel, sobre a técnica de abertura da cacimba.

Quando a cacimba não serviu mais, a família passou a colher sua água em um poço manual que foi instalado na comunidade. Porém, a vazão do poço se mostrou incapaz de atender as necessidades de todas as famílias que faziam uso; a dificuldade para conseguir abastecer a casa continuava grande.

Somente quando chegaram as cisternas de placa de 16 mil litros via Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), a vida deles e de seus vizinhos passou a ganhar em qualidade. 'Faz uns quatro anos que chegou aqui na nossa comunidade, foi muito importante pra gente, porque mesmo com o poço artesiano, tinha hora em que secava a água e a gente ficava com a mão na cabeça sem saber o que fazer', diz Elisarda. Com a cisterna construída no quintal de casa, existe sempre a segurança de ter uma reserva, caso o

Quando a cacimba não serviu mais, a família passou a colher sua água em um poço manual que foi instalado na comunidade. Porém, a vazão do poço se mostrou incapaz de atender as necessidades de todas as famílias que faziam uso; a dificuldade para conseguir abastecer a casa continuava grande.

